



ORIENTE MÉDIO / Confrontos na Esplanada das Mesquitas, o terceiro local mais sagrado do islã, em Jerusalém, deixam 331 palestinos feridos. Após ultimato, Hamas dispara 150 foguetes, e Israel reage com bombardeio na Faixa de Gaza, matando 20 pessoas e ferindo 65

Mahmud Hams/AFP



Projétil lançado a partir da Cidade de Gaza rumo ao território israelense

Mahmud Hams/AFP



Caças de Israel atacam enclave palestino: nove crianças entre as vítimas

Mohammed Abed/AFP



Desespero em hospital, no norte de Gaza, após notícia sobre parente morto

Escalada de violência

» RODRIGO CRAVEIRO

Ao lado dos pais e da irmã, Sarah Saftawi, 23 anos, se apegava à fé, em Al Sudanya, bairro da Cidade de Gaza. Passava das 22h10 (16h10 em Brasília), quando Israel bombardeava o norte do enclave palestino. “O céu está repleto de caças F-16. Nós os escutamos o tempo todo. A cada bombardeio, nossa casa chacoalha. A cada 10 minutos, escutamos uma explosão ou o lançamento de foguetes”, contou ao Correio. Até o fechamento desta edição, os ataques aéreos israelenses tinham deixado 20 mortos, incluindo nove crianças, e 65 feridos. Horas antes, Sarah não se conteve ao assistir às imagens dos confrontos na Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém Oriental, o terceiro local mais sagrado para o islã.

Pelo menos 331 palestinos ficaram feridos depois que a polícia de Israel disparou granadas de efeito moral, bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Os árabes lançaram pedras contra os policiais e ergueram barricadas, durante protesto em que exigiam o cancelamento de uma marcha ultranacionalista dos judeus. A tensão coincidiu com o Dia de Jerusalém — data que marca a tomada de Jerusalém Oriental pelo Exército judeu. A marcha teve o roteiro alterado, para evitar se aproximar da Cidade Velha de Jerusalém.

O movimento fundamentalista islâmico Hamas exigiu que os policiais deixassem a Esplanada das Mesquitas e o bairro Sheikh Jarrah, possível alvo de desocupação, até o meio-dia (18h em Brasília). Exatamente às 18h, o Hamas começou a disparar mais de 150 foguetes em direção a Israel. A maior parte dos projéteis foi in-

Ahmad Gharabli/AFP



Próximo ao Domo da Rocha, árabes correm para se protegerem do gás lacrimogêneo disparado pela polícia de Jerusalém: incidentes repetitivos

terceptada pelo escudo antimísseis Domo de Ferro, sem deixar vítimas. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, advertiu que o Hamas cruzou uma linha vermelha e pagaria alto preço. Ele elogiou a atuação das forças de segurança para garantir a “estabilidade” em Jerusalém. Os EUA e a União Europeia exortaram os dois lados a reduzirem a tensão. Um dos palestinos mortos em Beit Hanun (norte de Gaza) é Muhammad Fayad, líder da ala armada do Hamas.

Em Ashkelon, no sul de Israel, a britânica Beverly Jamil,

58, o marido e os dois cães se refugiavam no “Mamad”, aposento revestido com concreto de 1m de espessura. “É assustador. Provavelmente, não dormiremos à noite”, afirmou, pelo WhatsApp, por volta das 16h. “Acabo de escutar oito explosões. Temo uma escalada. Nessa situação, tenho que pensar antes de fazer qualquer coisa. Posso tomar banho? E se eu estiver começando a tocar? Geralmente, temos apenas 30 segundos para buscar um local seguro.” Beverly vive em Israel desde 1981.

“Zona de guerra”

Chefe do Departamento Político da Embaixada de Israel, David Atar culpou o cancelamento das eleições por parte do presidente palestino, Mahmud Abbas, e disse acreditar que o incidente na Esplanada das Mesquitas foi usado como cortina de fumaça. O diplomata acusou alguns palestinos de armazenarem pedras e erguerem barricadas, além de lançarem rochas e fogos de artifício em direção ao Muro das Lamentações, ao lado, onde centenas de judeus oravam. “Os pales-

tininos transformavam o lugar sagrado da mesquita em zona de guerra. Além disso, a polícia israelense temia que algo pudesse ocorrer ontem. O dia 10 de maio marca a reunificação de Jerusalém”, explicou. “A Autoridade Palestina e o Hamas espalharam sentimentos muito nacionalistas, como a informação de que Israel conquistaria as mesquitas. A polícia israelense entrou no local apenas para restaurar a ordem.”

Para Ibrahim Alzeben, embaixador palestino no Brasil, os incidentes na Mesquita de Al-Aqsa “fazem parte de um processo ge-

» Ponto crítico

“Esperamos que uma intifada não aconteça. O conflito está ligado com as eleições palestinas. É mais fácil culparem Israel do que enfrentarem os motivos pelos quais não há eleições na Autoridade Palestina. Ninguém tem os recursos e a energia para começar um novo confronto.”

David Atar, chefe do Departamento Político da Embaixada de Israel



Arquivo pessoal

“A espiral de violência foi escalada, desde o primeiro segundo, por Israel. Primeiro, ao impedir o acesso dos fiéis à Esplanada das Mesquitas, em pleno mês do Ramadã. Agora, ao desalojar de Sheikh Jarrah, bairro de Jerusalém, famílias expulsas de suas casas por Israel ainda em 1948.”

Ibrahim Alzeben, embaixador palestino em Brasília



Arquivo CBN/DA Press

COLÔMBIA

Reunião entre Duque e grevistas fracassa

Terminou sem acordo uma reunião entre o presidente da Colômbia, Iván Duque, e o Comitê Nacional de Greve, ocorrida ontem na Casa de Nariño, a sede do governo. De acordo com o jornal *El Tiempo*, uma nova paralisação nacional foi marcada para amanhã. Segundo os manifestantes, “não houve empatia por parte do governo”. “Não houve acordo. Não mostraram empatia com as vítimas”, advertiu o comitê, ao fim do encontro, o qual também contou com a participação da Organização das Nações Unidas (ONU), da Igreja Católica e do Alto Comissariado para a Paz.

O Comitê Nacional de Greve expôs a Duque uma lista de exigências: o fim da violência contra pessoas no exercício legítimo de protesto; o fortalecimento de uma campanha em massa de vacinação; o aumento da renda

básica para o valor igual ou superior a um salário mínimo mensal; a defesa da produção nacional (agropecuária, industrial, artesã e agrícola); o fim das privatizações e da discriminação de gênero, de diversidade sexual e étnica, e a gratuidade da matrícula escolar.

“Nós nos reunimos com o Comitê Nacional de Greve, a quem reiteramos nossa vontade de desenhar acordos e soluções em benefício do país e que consigamos, em consenso, respostas rápidas e necessárias para o benefício dos colombianos”, afirmou Duque, por meio das redes sociais.

Pressão

O presidente colombiano tem sido alvo de críticas pela condução da crise política. Ele enfrenta a pressão de protestos convoca-

Luis Robayo/AFP



Manifestante indígena diante de barricada em rodovia perto de Cali

dos por sindicatos e indígenas, entre outros setores, que exigem uma mudança de rumo em seu governo e “a desmilitarização de campos e cidades”. Durante os protestos contra o governo, 27 pessoas morreram e mais de mil ficaram feridas. A organização não governamental Temblores, que analisa supostos casos de abuso de autoridade, relata 47 mortos.

No domingo, pelo menos nove indígenas do sudoeste da Colômbia foram baleados, durante manifestação na cidade de Cali, epicentro da crise. A caravana foi atacada por “policiais e civis armados juntos”, denunciou o Conselho Regional Indígena do Cauca (CRIC), em um comunicado. De acordo com a autoridade de saúde local, três dos feridos têm “lesões graves”.

FRANÇA

Em carta, militares põem futuro do país em xeque

Um grupo de oficiais militares franceses da ativa publicou nova carta aberta, na qual alerta o presidente Emmanuel Macron de que a “sobrevivência” da França está em jogo, após as “concessões” feitas ao islamismo. Publicada na revista conservadora *Valeurs Actuelles*, no domingo, a mensagem surge três semanas depois de uma missiva similar, na qual os militares advertiam que uma guerra civil estava se formando na França. Assinado por um grupo de oficiais e por 20 generais da reserva, o documento despertou polémica.

O premiê, Jean Castex, a classificou como de uma ingerência inaceitável, e o general de mais alto escalão da França prometeu punir os responsáveis. Ao contrário da anterior, a carta é aberta a novas assinaturas e, poucas horas depois da difusão, havia recebido 36 mil adesões pela internet. “Falamos da sobrevivência do nosso país, do seu país”, diz o texto, dirigido a Macron e ao gabinete.

Os autores se descrevem como soldados da ativa da geração mais jovem das Forças Armadas, a chamada “geração do fogo”. “No Afeganistão, no Mali, na África Central, ou em qualquer outro lugar, muitos de nós experimentamos fogo inimigo. Alguns de nós perderam companheiros. Partiram para destruir o islamismo, ao qual vocês estão fazendo concessões em nosso solo”, criticam os autores.

“Quase todos nós vivemos a Operação Sentinela”, operação de segurança implantada após os atentados de 7, 8 e 9 de janeiro de 2015, para fazer frente à ameaça terrorista. “Vimos, com os nossos olhos, os subúrbios abandonados, a conciliação com a criminalidade. Sofremos as tentativas de instrumentalização de várias comunidades religiosas, para as quais a França não significa nada, mas, sim, um objeto de sarcasmo, desprezo e ódio”, completam. “A guerra civil está se formando na França.”